

RELAÇÕES INTERÉTNICAS: Natural, normal ou comum? Um relato de experiência na Escola Karla Patrícia.

Rayza Almeida da Hora Silva ¹

Akyla Alexandre Tavares Vicente Pessoa ²

RESUMO

Esse artigo nasceu de uma sequência didática realizada na Escola Municipal Karla Patrícia, localizada na Cidade do Recife-PE, sobre a Semana da Consciência Negra. A escola estava com um projeto de trabalhar não só no dia 20 de Novembro a temática racial, mas ao longo de toda a semana do dia vinte. Desta feita, nos utilizamos de primeiramente, uma aula expositiva sobre a temática desnaturalizando alguns estereótipos, tivemos uma palestra sobre o dia da Consciência Negra, o que originou essa data e qual sua importância na atualidade, em sequência fizemos um Google Formulário com os estudantes para que eles identificassem, de acordo com as categorias trabalhadas por Mário Sérgio Cortella se o preconceito é “Natural”, “Normal” ou “Comum”. Assim finalizamos nosso trabalho com uma aula expositiva dialogada sobre tudo que foi posto durante a semana e falando um pouco sobre as respostas trazidas nesse seminário.

Palavras-chave: Relações Raciais; Educação; Consciência Negra.

INTRODUÇÃO

O dia da Consciência Negra, que ocorre no Brasil em 20 de Novembro, carrega consigo não apenas uma homenagem a figura de Zumbi dos Palmares, mas traz um conjunto de símbolos que celebram as conquistas dos negros e abre espaço para refletir sobre os caminhos que faltam a ser trilhados. A Escola Municipal Karla Patrícia localizada na cidade do Recife-PE em que se passa este relato de experiência, dedicou a semana do dia 20 de Novembro de 2021 para conscientizar e trazer o debate com os alunos sobre o dia da Consciência Negra e tratar sobre outras formas de preconceito que fazem parte da nossa sociedade.

Inspirados pelo autor Mario Sérgio Cortella, mais especificamente seu livro “*Diversidade: Aprendendo a Ser Humano*” (2020), trabalhamos em sala de aula a questão do preconceito em nossa sociedade, provocando os estudantes com conceitos levantados por Cortella. Seria o preconceito “*Natural*, ou seja, nasce conosco; *Normal*, ou seja, o que está na norma escrita ou praticada; ou *Comum*, ou seja, o que se estabelece pela frequência que

¹ Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco rayzaa35@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, akylatavares@gmail.com

ocorre?” (Cortella, 2020, p.34). O levantamento desses questionamentos, de acordo com o autor, faria com que os estudantes passassem a perceber que muito embora o preconceito fosse presente em nosso meio, é possível achar caminhos para superá-lo.

O patrono da educação brasileira, Paulo Freire, já anunciava em 1996 a importância da docência que se levantasse contra os preconceitos que hoje chamamos de "interseccional" ou seja, classe, raça e gênero. Freire discorre “a prática preconceituosa de raça, classe e gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (1996, p.36), afinal é tarefa do professor dialogar com seus estudantes sobre raça de modo comum em sala de aula, para desnaturalizar o pensamento de que “a desvalorização e alienação do negro estende-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente, os países, as instituições o corpo e mente” (Munanga, 2020, p.31)

Santos (2004) discorre que todo projeto educacional emancipatório se baseia em um perfil epistemológico centrado no conflito. Dentro das práticas pedagógicas este conflito serve para tornar vulnerável e olhar para o passado como um lugar de referência visando a superação do sofrimento humano e dos erros que já foram cometidos. A história seja ela escrita ou oral é uma relação de esquecimento e lembrança, falar da temática racial de forma a fazer parte do dia dia em sala de aula é um caminho para um diálogo antirracista com os estudantes. Afinal como coloca Silva:

a voz dos professores se torna uma arma poderosa para o combate do racismo no ambiente escolar, para não reforçar estereótipos de africanos, negros e indígenas como personagens subalternos dentro da nossa imaginação sociológica e a África como um continente sem história, reduzido à exploração e à pobreza extrema (SILVA, 2020, p. 21)

Voltando mais uma vez este trabalho a Paulo Freire “não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico” (Freire, 2020, p. 36). Pensando em pôr em prática essa pedagogia crítica que é traçada por um caminho dialógico, traçamos as aulas da semana da consciência negra na escola municipal Karla Patrícia, que tem como público, em sua maioria, pessoas negras e pobres.

METODOLOGIA

O percurso metodológico escolhido pela equipe foi voltado para o qualitativo, no primeiro momento fizemos a revisão bibliográfica da área, afinal, ainda que essa literatura de apoio possa não servir para formular hipóteses e dados super elaborados ela servirá de *insight* para novas questões e fundamentações teóricas que ajudam o professor na sala de aula. Seria ingênuo da nossa parte acreditar que a pesquisa poderia ser feita sem o auxílio de uma leitura pré-existente.

Como já foi dito anteriormente, estamos falando de aulas em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, então a forma com que essas questões teriam que ser abordadas deveriam ser práticas e simples. Por isso, utilizamos como apoio o livro “*Diversidade: Aprendendo a Ser Humano*” para instigar os alunos no debate racial que viria a ser feito em sala de aula.

Vale salientar que entendemos a abordagem simples não como sinônimo de banal, superficial ou sem profundidade. Nós, enquanto professores, compreendemos a abordagem simples como forma de tradução para a introdução de um tema específico, nesse caso, o debate racial. Falar de forma simples é traduzir de maneira palatável para o público alvo preterido, em nosso caso, estudantes do nono ano do Ensino Fundamental da escola municipal do Recife Karla Patrícia. Sobre isso Cortella afirma sobre o seu trabalho:

Obviamente, esses profissionais (entre os quais me incluo) tiveram de aprimorar outras competências, como capacidade de comunicação e um maior entendimento da dinâmica do mundo virtual, acrescido de um cuidado para, ao tornar a Filosofia mais simples, impedir que seja tratada de modo simplório (CORTELLA, 2019, p. 7).

Por conta disso, faz-se necessário identificar quem são os nossos estudantes e qual é o perfil desses estudantes. Estas descrições foram obtidas em vários momentos de conversas que tivemos nas aulas do projeto Socioemocional³. As colocações e as falas dos alunos no decorrer dos encontros para as atividades, de forma remota, foram fundamentais para trabalhar a temática pretendida. Sobre o perfil dos alunos observou-se que são indivíduos

³ O Projeto Habilidades Socioemocionais, desenvolvido pela Secretaria da Educação da Prefeitura do Recife, teve início em 2019 em quatro escolas de anos finais do município: E.M. Cícero Franklin, E.M. Karla Patrícia, E.M. Mário Melo e E.M. Antônio Farias Filho. Inicialmente, 164 estudantes eram atendidos pelo projeto, que contava com 30 estagiários; com a expansão do projeto no ano de 2020 para outras escolas, incluindo também escolas de anos iniciais, cerca de 2.693 estudantes passaram a ser atendidos, distribuídos em 28 escolas municipais, e o projeto passou a contar com 99 estagiários. Apesar da pandemia do COVID-19, as atividades continuaram remotamente, passando a atender um número menor de estudantes.

influenciados pelas famílias, amigos e *digital influencers*. O aluno do nono ano da escola Karla Patrícia é o jovem que utiliza Youtube, Netflix, Instagram, consome vídeos e livros de sagas. Esse jovem é o indivíduo que já consegue enxergar o mundo de status no qual ele está inserido, um mundo de imagens, um mundo onde é importante consumir mais, inclusive, eles desejam isso. Também diagnosticamos que eles possuem a consciência de que nossa sociedade é desigual. Alguns dos nossos estudantes dizem que ajudam em casa, cuidando dos irmãos mais jovens. Em geral, as meninas ajudam, inclusive, nas tarefas domésticas. Os amigos desses estudantes gostam de coisas similares, que seriam: comer, dormir e namorar. Além disso, acham chatas algumas atividades da escola. Somando-se a isso, a preocupação desses jovens também se concentra nas questões sobre empregabilidade e alguns precisam ajudar em casa financeiramente, até mesmo, apontam que estão esperando terminar o Ensino Médio para procurarem um emprego. Esses foram alguns dos diagnósticos sobre o perfil da nossa turma.

O pernambucano Paulo Freire nos ensinou que precisamos fazer a leitura do mundo para fazer a leitura da palavra. A escola, especialmente Ensino Fundamental, tem de ser menos abstrata, ela tem que partir do mundo em que o jovem está e daquilo por que ele se interessa. Ou seja: o filme, a música que ele ouve, o vídeo a que ele assiste, a série que ele vai ver, o brega que ele curte, isto é, partir disso e não estagnar nisso, esse é o ponto de partida para se chegar aonde se deve chegar, ou seja, partindo da realidade do aluno é possível trabalhar noções sobre o conhecimento científico. Um ensino propedêutico, provavelmente, afasta o adolescente e a criança da escola. Acreditamos em uma escola que desenvolva competências e habilidades para interpretar o mundo real. A escola, ao que tudo indica, precisa fazer sentido para o estudante. De alguma forma, tínhamos em mente o que precisávamos fazer:

Sintetizaria assim: pensar no que eu vou trabalhar em uma aula (o conceito, a prática, o conteúdo) e fazê-lo. Adequar a linguagem ao público-alvo. Observar muito o rosto dos alunos e suas reações. Ser criativo sem fazer do lúdico o único objetivo. Trabalhar com seriedade e nunca me comportar como se fosse apenas o aluno mais avançado. Ter autoridade sem ser autoritário. Entender que o aluno é o objetivo da minha aula e não eu. Ser honesto com eles e comigo. Ser compreensivo com as variantes humanas. Preparar-me para bem preparar alunos. Ser humilde com os próprios erros e compassivo com os erros de quem está aprendendo (KARNAL, 2017, p. 183).

No 9º ano desta escola havia cerca de 29 alunos matriculados, mas frequentavam as aulas síncronas do projeto Socioemocional em torno de 11 a 13 alunos. Havia, portanto,

dificuldades em atingir o público total da sala por diversos motivos, o principal deles: acessibilidade a internet de qualidade ou falta de aparelhos eletrônicos para assistir às aulas. Vale salientar que as aulas do socioemocional aconteciam no contra turno do horário escolar formalmente estabelecido, ou seja: os alunos estudavam à tarde (português, matemática, história...), mas pelas manhãs tinham aulas do projeto habilidades socioemocional.

Dito isso, utilizamos a técnica Brainstorming⁴ antes de iniciar, propriamente, o assunto, a partir da seguinte pergunta: que problemas ainda enfrentamos relacionados aos preconceitos? Esse ponto de partida foi fundamental, pois os estudantes trouxeram diversas possibilidades de respostas que se concentraram em: preconceito contra homossexuais, contra mulheres, pessoas idosas, pessoas de outras regiões e, finalmente, mencionaram o racismo.

Por conta dessa última menção, os estudantes foram estimulados a trazerem à tona, caso quisessem, situações onde eles achavam que, talvez, pudessem ter presenciado ou sofrido a desumanidade do racismo. Tivemos respostas diversas, inclusive, havia quem tivesse opinado sobre não haver mais racismo justificando que isso teria terminado quando os escravos foram libertados, portanto, seria “frescura” falar de racismo nos dias de hoje. Mais uma vez, ressaltamos Karnal: “Ser humilde com os próprios erros e compassivo com os erros de quem está aprendendo” (KARNAL, 2017, p. 183).

Provavelmente, a fala desse jovem estudante é uma reprodução, pelas opiniões não tão democráticas, da família ou do contexto familiar em que ele está inserido. Todavia, a sala de aula é um espaço repleto de potencialidades e uma vez estabelecida, por conta do projeto socioemocional, uma relação de confiança, valorização da fala ou de outras possibilidades de expressão, um aluno sentiu-se a vontade para dizer: “*é claro que existe racismo, tu não te lembra (se referindo ao aluno que opinou sobre não haver racismo) a vez que fomos no shopping Recife e o segurança da Americanas ficou seguindo a gente e tipo: a gente não tava mal arrumado...*” Isso foi o bastante para pegarmos o tom do relato e seguir com a programação de refletir, sobretudo, o que é o racismo.

Pudemos a partir disso contar com uma palestra acerca do dia da Consciência Negra e os impactos da escravidão em nossa sociedade, mas para além disso, apontamos para os estudantes que seria possível a mudança de quadro. Também analisamos como o racismo está presente nos filmes, nas músicas, inclusive, nas marchinhas de carnaval. Enfatizamos isso

⁴ Tempestade de ideias (livre tradução dos autores). Essa técnica consiste quando se realiza atividades em grupos e esses são estimulados a resolver ou trazer à tona soluções possíveis, sem julgamentos ou críticas. Essa técnica permite total liberdade.

pois a cidade do Recife tem o carnaval como uma importante festa e os nossos estudantes costumam brincar o carnaval. Portanto, buscamos explorar as marchinhas de carnaval por fazerem parte, de alguma forma, do contexto deles. Analisamos duas: *O teu cabelo não nega mulata* composta pelos irmãos Valença em 1929, pois é uma letra que possui racismo e misoginia de forma explícita e a música *A cabeleira do Zezé* composta por João Roberto Kelly e Roberto Faissal no começo dos anos de 1960, onde está expressa a homofobia na letra. Essa atividade foi fundamental, pois a reflexão contida consiste em evidenciar que muitas vezes, na alegria do carnaval, cantamos canções sem refletirmos que, de fato, estamos reproduzindo aspectos racistas, misóginos e homofóbicos.

Ademais, havia uma preocupação de natureza pedagógica sentida por nós, professores, em relação ao nosso objetivo. Essa preocupação consistia em plantar a semente da desconfiança como método de construção de conhecimento e formação cidadã. Em todas as nossas atividades, sobretudo, da semana dedicada também a comemoração do dia da Consciência Negra, tínhamos como meta causar o estímulo ao estranhamento por meio das atividades elaboradas. Esse seria um passo importante para ajudar na construção do processo de desnaturalização que se torna uma ferramenta essencial para o combate ao preconceito, especialmente, o racismo. Com os alunos fizemos uma aula expositiva dialogada, que de acordo com Anastasiou e Alves (2004):

Numa exposição do conteúdo, com a participação ativa dos estudantes, cujo conhecimento prévio deve ser considerado e pode ser tomado como ponto de partida. O professor leva os estudantes a questionarem, interpretarem e discutirem o objeto de estudo, a partir do reconhecimento e do confronto com a realidade (ANASTASIOU;ALVES, 2004, p. 79)

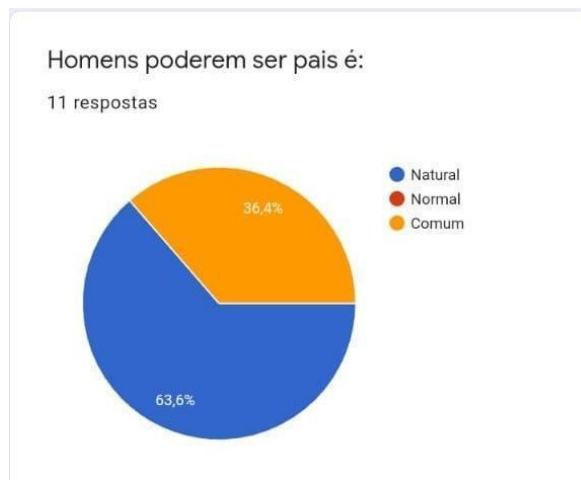
Os estudantes tinham o conhecimento prévio da temática, afinal, todo mundo sabe em menor ou maior grau falar da temática racial e como o preconceito opera na nossa sociedade. O nosso papel foi sistematizar esses conceitos para os estudantes e estimular a desnaturalização do tema. Após uma semana repleta de atividades voltadas para a desconstrução do preconceito e entendimento da raça na nossa sociedade (ANEXO 1), elaboramos um google formulário contendo nove questões contendo tudo que havíamos trabalhado durante a semana.

O tema do formulário foi “ Preconceito: Natural, Normal ou Comum?” inspirados no livro de Cortella. Obtivemos 11 respostas para as seguintes perguntas: 1. Homem ser pai é

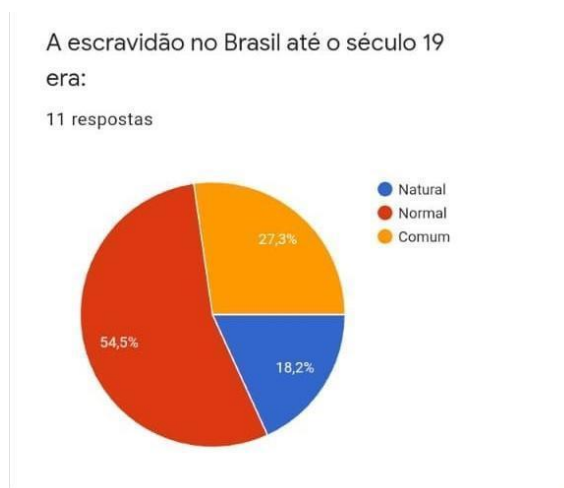
natural, normal ou Comum? 2. A escravidão no Brasil até o século 19 era natural, normal ou Comum? 3. A homofobia, hoje, no Brasil é natural, normal ou comum? 4. O instinto do Ser Humano é natural, normal ou comum? 5. A morte dos seres orgânicos é natural, normal ou comum? 6. O assédio cometido, principalmente com as mulheres, é natural, normal ou comum? 7. O respeito com a diversidade humana é natural, normal ou comum? 8. Combater o racismo é natural, normal ou comum? 9. O machismo é natural, normal ou comum?

Segue abaixo as respostas:

1. Homem ser pai é natural, normal ou Comum?



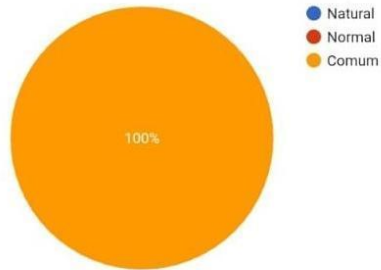
2. A escravidão no Brasil até o século 19 era natural, normal ou Comum?



3. A homofobia, hoje, no Brasil é natural, normal ou Comum?

A homofobia, a transfobia, hoje, no Brasil é

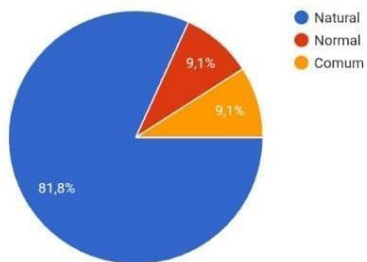
11 respostas



4. O instinto do Ser Humano é natural, normal ou comum?

O instinto do ser humano é

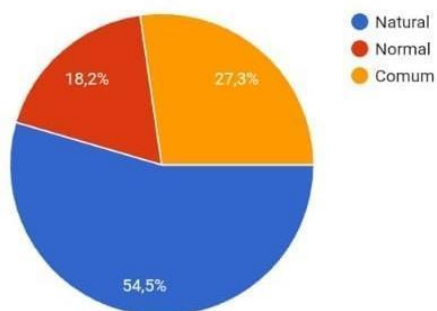
11 respostas



5. A morte dos seres orgânicos é natural, normal ou comum?

A morte dos seres organicos é

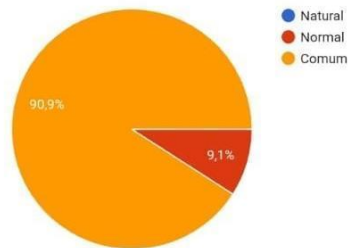
11 respostas



6. O assédio cometido, principalmente com as mulheres, é natural, normal ou comum?

O assédio cometido, principalmente, com as mulheres é:

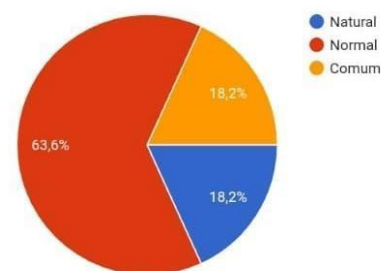
11 respostas



7. O respeito com a diversidade humana é natural, normal ou comum?

O respeito com a diversidade humana é

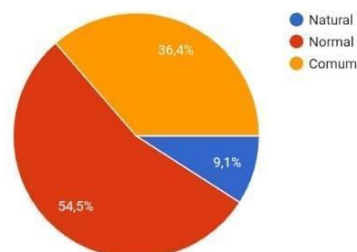
11 respostas



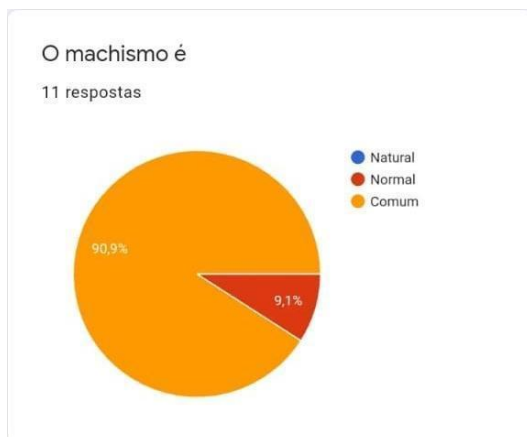
8. Combater o racismo é natural, normal ou comum?

Combater o racismo é

11 respostas



9. O machismo é natural, normal ou comum?



Embora o formulário não tivesse apenas questões sobre raça e racismo, pudemos trabalhar com alguns temas sensíveis que os alunos já tinham tido contato anteriormente. Percebemos que nas questões relacionadas a raça ainda havia uma certa dúvida nas respostas entre aquilo que parecia natural e o que era comum. Com isso, pudemos dialogar mais uma vez com os alunos sobre a questão racial e sobre pontos que poderiam ser comuns ou normais no passado mas que hoje em dia não devem ser aceitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Consideramos que a turma atendeu as nossas expectativas, afinal o diálogo feito em sala precisa ser “natural” e com uma linguagem clara que atenda a turma que estávamos trabalhando. Como já foi mencionado, trabalhamos numa turma de ensino fundamental na periferia de Recife, e com as limitações que tivemos conseguimos desenvolver bem nosso trabalho. A palestra, as aulas expositivas dialogadas, o seminário foram um meio estratégico para um fim, os alunos entenderem a história da negritude no Brasil e não reduzirem a população negra ao período de escravização.

Embora algumas atitudes fossem consideradas "comuns" em suas épocas, é inadmissível nos dias de hoje pensar na diminuição e desumanização de uma pessoa em virtude de seu fenótipo. Ressaltamos aqui o que foi posto por Silva (2020):

Vale a ressalva que não é qualquer tipo de formação que dará conta de uma educação antirracista, é necessário oferecer, acima de tudo, referências positivas sobre a



história da população negra, e a incorporação de estratégias nas práticas pedagógicas cotidianas que permitam transformar as práticas curriculares de enfrentamento ao racismo (SILVA. 2020, p.45).

Em consonância com a autora, percebemos que, após analisarmos os formulários em sala de aula, a compreensão dos estudantes melhorou. As dúvidas que ficaram foram sanadas em sala de aula. Exemplo disso: a primeira questão do formulário, foi a única que apresentou um resultado diferente do que esperávamos. A proposta dessa pergunta consistia em trazer à tona que não é natural os homens serem pais, partindo da perspectiva de Cortella (2020). Isso acontece porque nem todo homem é pai, os motivos são os mais variados possíveis, alguns deles: escolha desses homens ou por algum impeditivo de origem orgânica como a infertilidade. Portanto, a resposta mais apropriada para a questão era a alternativa comum. Entretanto, se a pergunta fosse colocada da seguinte forma: homens poderem ser pais é natural, normal ou comum? A resposta seria natural, pois a palavra “poderem” dá uma ideia de possibilidade de fazê-lo e não de determinação.

A GUIA DE CONCLUSÃO

O nosso artigo nasceu de nosso trabalho em sala de aula na semana da Consciência negra, pensamos em quem eram nossos estudantes fenotipicamente falando, quais eram suas realidades, e o acesso que eles tinham à informação. Ainda que a maioria da população tenha acesso a internet esse uso não vai ser feito - necessariamente- para pesquisar sobre a história da população negra. Então, construímos uma sequência didática que ajudasse esses estudantes a entenderem o passado da população negra no Brasil e os apontamentos para o futuro.

Deixamos de lado a figura de estereótipos e nos atemos a uma linguagem atual de fácil compreensão. Pensamos em usar o formulário do Google para fazer uma atividade mais dinâmica com esses jovens e os interessar pelas próximas aulas que viriam à frente.

As respostas marcadas pelos estudantes nos mostraram que as questões trabalhadas em sala de aula estavam alinhadas com o que fora marcado no formulário, o que nos leva a entender que os estudantes internalizaram o que foi posto em sala de aula. Trouxemos mais uma vez essa questão apenas para “amarrar” o conteúdo e sanar as dúvidas de alguns.

Trabalhos sobre a importância do ensino de história afrobrasileira e africana são importantes para deixar de lado o imaginário de que pessoas negras são inferiores a pessoas brancas. Desta feita apontamos a importância do nosso artigo, pois além do plano da ação, ele



foi materializado e utilizado em sala de aula, mostrando com um simples exemplo a importância da educação antirracista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Negritudes**: usos e sentidos. 4. ed. 2. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, Boaventura Souza. Por uma sociologia das ausências e das emergências, B.S. (org). Conhecimento prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez, 2004b, p.777-821.

SILVA, Rayza Almeida da Hora. Breve apontamento para a sociologia antirracista. In: ENESEB, 2021, Belém do Pará. **Editora Realize**, 2021, v.7.

CORTELLA, Mario Sergio. **A diversidade**: aprendendo a ser humano. São Paulo: Littera, 2020.

CORTELLA, Mario Sergio. **Filosofia**: e nós com isso?. Vozes, 2019.

KARNAL, Leandro. **Diálogo de culturas**. São Paulo : Contexto, 2017.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: _____ (Org.). Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100.